

**GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO:
COMO EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO AVALIAM A EXPERIÊNCIA QUE
TIVERAM NAS AULAS DE FILOSOFIA E SOCIOLOGIA**

**GENDER, SEXUALITY AND EDUCATION:
HOW DO HIGH SCHOOL GRADUATES EVALUATE THE EXPERIENCE THEY
HAD IN PHILOSOPHY AND SOCIOLOGY CLASSES**

**GÉNERO, SEXUALIDAD Y EDUCACIÓN:
CÓMO LOS GRADUADOS DE LA ESCUELA SECUNDARIA EVALUAN LA
EXPERIENCIA QUE HAN TENIDO EN LAS CLASES DE FILOSOFÍA Y
SOCIOLOGÍA**

Helder Júnio de Souza¹

Adla Betsaida Martins Teixeira²

1

Resumo: Este artigo busca analisar a avaliação que egressos do Ensino Médio fizeram sobre as aulas que tiveram sobre o tema Gênero e Sexualidade enquanto conteúdo programático das disciplinas de Filosofia e Sociologia. Esse conteúdo foi ministrado por um dos pesquisadores numa escola particular em Sabará e as aulas ocorreram no 2º ano do Ensino Médio como parte integrante do conteúdo do 2º bimestre em 2019. Nesse sentido, o objetivo aqui é compreender qual a importância que essas aulas tiveram para os egressos, e seus respectivos posicionamentos, em relação à compreensão sobre questões relativas às temáticas de Gênero e Sexualidade. A metodologia adotada foi de questionário aberto aplicado através do Google Forms, na qual o contato com os participantes se deu a partir de meios digitais em out/21, devido ao contexto da pandemia. Os relatos mostram um amadurecimento pessoal ao analisar seus anseios/ dúvidas/ inseguranças antes e após as experiências nas aulas. A importância de se trabalhar essa temática em sala de aula ultrapassa os limites e necessidades do contexto escolar, contribuindo para a vivência da própria sexualidade, como também do respeito à diversidade sexual e de gênero e da necessidade de se trabalhar esse conteúdo dentro da sala de aula.

Palavras-chave: Escola. Gênero. Diversidade. Direitos.

¹ Pedagogo, Filósofo e Historiador, Doutorando em Educação, Mestre em Educação, Especialista em Filosofia, Docente da Secretaria Estadual de Minas Gerais, Coordenador Pedagógico do Projeto “Evita Dengue”/MG. E-mail: helder.junio@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7210-9839>.

² Pedagoga, Professora na Faculdade de Educação UFMG, Coordenadora do Grupo de Pesquisa GSS - Gênero, Sexualidade e Sexo em Educação na FaE/UFMG. PhD pelo Departamento de Cultura, Comunicação e Sociedade, Institute of Education, University of London, Mestre em Educação Comparada e Internacional, Institute of Education, University of London; Pós-doutorado pela Stanford University and State University of Georgia, School of Education sobre Desenvolvimento Humano, aprendizagem e Ensino Superior, Pós-Doutorado pela Leeds University e University de Lyon/França sobre Metodologia de Ensino, Gênero e Direitos Humanos - E-mail: adlaufmg@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5400-470X>

Abstract: This article aims to analyze the evaluation that High School graduates made about the classes they had on the topic of Gender and Sexuality as a syllabus of the disciplines of Philosophy and Sociology. That content was taught by one of the researchers in a private school in Sabará and the classes took place in the 2nd year of High School, the sophomore year, as an integral part of the content in the 2nd term in 2019. In this sense, the aim here was to understand the importance that those classes had for them, and their respective positions, regarding to the understanding of issues related to the themes of Gender and Sexuality. The methodology adopted was an open questionnaire applied through Google Forms, in which the contact with the participants took place through digital means on Oct/21, because of the pandemic context. The reports showed a personal maturity when analyzing their anxieties / doubts / insecurities before and after the experiences in the classes. The importance of working on this theme in the classroom goes beyond the limits and needs of the school context, contributing to the experience of their own sexuality, as well as respect for sexual and gender diversity and the need to work on this content within the classroom.

Keywords: School. Genre. Diversity. Rights.

Resumen: Este artículo busca analizar la evaluación que hicieron los egresados de la escuela secundaria sobre las clases que tuvieron sobre el tema de Género y Sexualidad como plan de estudios de las disciplinas de Filosofía y Sociología. Este contenido fue impartido por uno de los investigadores en un colegio privado de Sabará y las clases se dieron en el 2º año de la escuela secundaria como parte integral del contenido del 2º bimestre de 2019. En ese sentido, el objetivo aquí es comprender la importancia que estas clases tuvieron para los egresados, y sus respectivas posiciones, en relación a la comprensión de cuestiones relacionadas con las temáticas de Género y Sexualidad. La metodología adoptada fue un cuestionario abierto aplicado a través de Google Forms. El contacto con los participantes se realizó a través de medios digitales el 21/Oct, debido al contexto de la pandemia. Los relatos muestran una madurez personal al analizar sus angustias / dudas / inseguridades antes y después de las experiencias en las clases. La importancia de trabajar este tema en el aula va más allá de los límites y necesidades del contexto escolar, contribuyendo a la vivencia de la propia sexualidad, así como el respeto a la diversidad sexual y de género y la necesidad de trabajar estos contenidos dentro de la escuela.

Palabras clave: Escuela. Género. Diversidad. Derechos.

Introdução

O presente artigo é decorrente da prática docente de um dos pesquisadores em uma escola particular de Ensino Médio (E.M.) em Sabará, na qual se buscou compreender como egressos desta escola avaliaram a importância (ou não) do trabalho com o conteúdo de Gênero e Sexualidade. Essas aulas foram ministradas ao longo do 2º bimestre do 2º ano do Ensino Médio no ano de 2019.

Por se tratar de uma pesquisa sobre a própria prática docente, a mesma está inserida dentro da perspectiva da pesquisa-ação, na qual “o docente desempenha um papel de pesquisador sobre: o conteúdo do ensino; o grupo; a didática; a comunicação; a melhoria da aprendizagem dos estudantes; os valores da educação; e o ambiente em que esta ocorre” (THIOLLENT; COLETTE, 2014, p. 213).

Ressalta-se que a partir do ano de 2019 o conteúdo de Gênero e Sexualidade foi retirado do livro didático utilizado pela instituição, sendo justificado – pela Rede de Ensino a qual a escola estava vinculada – que tal temática já era trabalhada ao longo do E.M. nos diversos livros didáticos. A temática constava no livro de Sociologia do 2º Bimestre do 2º ano do E.M.. Fato este que fez com que os próprios estudantes que estavam no 2º Ano do E.M. solicitaram por escrito à direção da escola que a temática fosse desenvolvida em sala de aula como nos outros anos; havendo, assim, a permissão pela direção da referida escola.

Dessa forma, trazer a avaliação dos egressos sobre o conteúdo de Gênero e Sexualidade colabora em dois aspectos: se por um lado a participação e o interesse dos alunos pela temática sempre foi perceptível nas aulas sobre Gênero e Sexualidade, por outro lado, tem crescido, sob a bandeira do atual Governo Federal, que esse tema não deve ser trabalhado em sala de aula (SOUZA, 2020). Ou seja, mesmo que haja uma negação de que se trabalhe com questões relacionadas à discussão de Gênero/Sexualidade dentro do ambiente escolar, o estudo aqui proposto demonstra, através dos egressos participantes, que a temática é relevante para os alunos, explicitando sua importância e necessidade enquanto conteúdo programático dentro do ambiente escolar.

O presente artigo está dividido em seções que se complementam: na primeira é exposta como foram estruturadas as aulas sobre Gênero e Sexualidade dentro da sala de aula; já na segunda parte, é explicitada a metodologia aqui utilizada, bem como os posicionamentos dos egressos sobre as avaliações acerca das aulas que tiveram sobre Gênero e Sexualidade no ano de 2019.

Gênero e Sexualidade: estratégias utilizadas em sala de aula

As aulas que foram desenvolvidas com base no conteúdo sobre Gênero e Sexualidade foram inseridas no livro didático de Sociologia do 2º ano do Ensino Médio a partir do ano de 2014, especificamente no 2º bimestre. Tendo em vista que o livro didático de Filosofia trazia a discussão sobre a temática Cultura aproveitou-se para desenvolver com os alunos ambas as temáticas a partir da discussão de Gênero e Sexualidade, dialogando com eles também a heteronormatividade a partir da Cultura.

É relevante citar que o trabalho com essa temática motivou um dos pesquisadores a fazer mestrado em 2015 sobre Gênero e questões LGBTQIA+, na qual o mesmo aprofundou cientificamente o tema em questão, ampliando sua prática docente em sala de aula, de forma a vislumbrar a sala como um ambiente que também pode ser feita pesquisa acadêmica. Lüdke

(2012) explicita que o mestrado tem sido o meio mais utilizado para aproximar os docentes do Ensino Básico ao universo de se fazer pesquisa, dialogando sobre essa importância de se ter docentes do Ensino Básico também pesquisadores.

As aulas, que os egressos fazem referência neste estudo, ocorreram no ano de 2019, especificamente ao longo do 2º bimestre do 2º Ano do Ensino Médio, havendo aproximadamente cerca de 18 aulas ao todo (9 de Filosofia e 9 de Sociologia). Na época, a turma era composta por 20 alunos, sendo 13 do sexo feminino e 07 do masculino. Desses 20 alunos, 13 egressos participaram do presente estudo e que será explicitado posteriormente na metodologia adotada.

As aulas em questão sempre estiveram pautadas na participação dos alunos, sendo utilizados vários recursos metodológicos que valorizassem a fala e o diálogo entre os alunos. Abaixo são explicitados, de forma geral, como foram estruturadas as aulas ocorridas no ano de 2019.

O conteúdo de Gênero e Sexualidade, no primeiro momento, foi iniciado através de um questionário geral onde se buscava entender questões relacionadas ao sexo, orientação sexual, identidade de gênero, relação sexual, dentre outras temáticas e aberto para perguntas e/ou dúvidas que os alunos tivessem. As questões, por mais que pudessem ser elaboradas como múltipla escolha, foram todas estruturadas abertamente, inclusive para compreender se os alunos presentes conheciam termos relacionados à orientação sexual, identidade de gênero, por exemplo.

Dessa forma, o conteúdo de Gênero e Sexualidade foram divididos em três blocos:

1º Bloco - Questões de Gênero/Sexualidade

- Conceituação

Buscou-se, de forma mais ampla, conceituar termos (sexualidade e suas dimensões humanas, diferença entre sexo e gênero, orientação sexual, identidade de gênero dentre outros termos que muitas vezes são desconhecidos não só pelos alunos, mas por grande parte da sociedade).

- Papéis sociais

Diálogo, através de dinâmica de grupo, sobre os papéis relacionado ao sexo masculino e feminino a partir da realidade dos alunos. Nessa dinâmica, são enumerados, a partir dos grupos, tudo aquilo que os participantes acreditam que esteja relacionado a um ou a outro sexo. Após, foi feita uma roda para que todos pudessem expor, criando um diálogo entre os participantes.

- Mercado de trabalho

Trabalho também desenvolvido em grupos, utilizando revistas (ou outro meio que o participante achar melhor) para demonstrar como, na visão dos alunos, está estruturado o mercado de trabalho para o sexo masculino e o feminino. Após a exposição, foram apresentados dados sobre o assunto proposto, de forma que os alunos pudessem refletir e se posicionar.

- Violências

Explicação breve sobre as formas de violências existentes socialmente, focando sobretudo na violência de Gênero e as diversas formas que se concretiza socialmente. Agregado a isso, foram passados alguns vídeos curtos (propagandas, casos verídicos, depoimentos, dentre outros).

2º Bloco - Questões LGBTQIA+

- Diversidade Sexual e de Gênero

Foram retomados os conceitos, aprofundando-os. Nesta parte, foram utilizados vídeos curtos relacionados com o assunto. É importante destacar que, sempre que era projetado um vídeo, os temas eram dialogados com a turma de forma geral, na qual alguns traziam inclusive depoimentos daquilo que já tinham presenciado ou vivenciado.

- Configurações familiares

Diálogo aberto, através da análise de caso de duas famílias homoafetiva, sobre os diversos arranjos e estruturações familiares, inclusive a diversidade existente na sala de aula.

- Escola e sua função

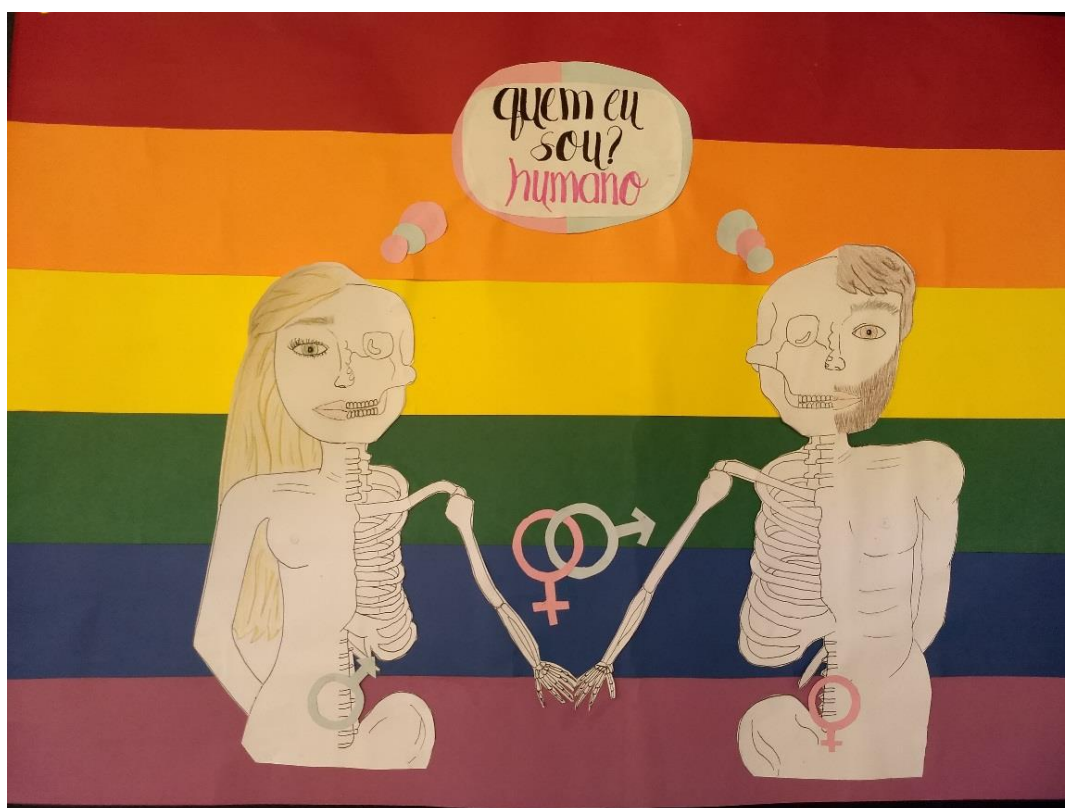
Através de trabalho de grupo, foi proposto para que dialogassem entre si qual o papel que a Educação tem frente às questões LGBTQIA+, bem como a Escola se posiciona.

Os assuntos acima foram desenvolvidos, como explicitado, utilizando vários recursos pedagógicos. É importante citar que as técnicas foram melhoradas, a partir da prática com os alunos, ao longo dos anos, sendo inseridas sugestões dos mesmos para o trabalho em sala de aula.

Ao término, foi feita uma avaliação em que cada grupo apresentou um cartaz criativo que buscasse sensibilizar sobre o assunto trabalhado em sala naquele bimestre. Esses cartazes eram desenvolvidos em grupo e apresentados para a sala. Após a explicação do grupo, era dado a voz para que qualquer um da sala pudesse se manifestar sobre o que foi apresentado, seja com dúvidas, sugestões, colaboração. Além do grupo apresentar para a turma o cartaz, era entregue uma análise tanto do grupo quando individual acerca do trabalho apresentado.

Abaixo um cartaz apresentado em 2019 por um dos grupos, trazendo vários elementos trabalhados em sala de aula: orientação sexual, identidade de gênero, movimento LGBTQIA+, dentre outros.

Cartaz 01- Quem eu sou? Humano.



Fonte: Grupo X (A, B, M, Z), 2º Ano E.M., 2019

Em relação ao cartaz acima, o grupo X explicitou que “através do cartaz buscamos informar que podemos ser o que quisermos por fora, mas por dentro nós somos todos iguais independentemente de cor, gênero, raça e etnia”. Individualmente, as participantes do Grupo X, citaram que

no cartaz, se pode observar exatamente isso, que as pessoas não nos conhecem de verdade e mesmo assim julgam sem pensar, e olham só o exterior e na verdade não é só isso, nós somos muito mais. No final o que vale a pena é cada um se respeitar, para vivermos em uma sociedade melhor (M).

Em minha opinião a comunidade LGBT vem ganhando forças e quebrando os chamados tabus atualmente como nunca antes, eles agora têm mais visibilidade na sociedade assumem quem são sem medo e se orgulham disso, porém com toda essa visão eles recebem bastantes críticas, agressões verbais e físicas de pessoas homofóbicas que não entendem que isso não influencia

em nada na vida do próximo, e que acima de tudo somos todos HUMANOS, foi a ideia que trouxemos no cartaz, que independente do sexo que você nasceu e de como você se identifica como gênero ou suas características físicas, somos mais do que rótulos, somos todos de carne e osso, todos temos direitos e deveres sem exceção mostramos isso no cartaz com a imagem do esqueleto e da frase “ Quem eu sou ? HUMANO.”

Agregado à avaliação acima exposta, era comum os alunos verbalizarem também a importância das aulas para a vivência da sexualidade dos mesmos, bem como de solicitarem que a temática fosse trabalhada em outros momentos dentro do ambiente escolar e não somente em um bimestre. Além da participação ativa dos alunos nas aulas, era comum que alguns procurassem o docente, extra sala de aula, para conversar sobre a temática, seja por questões pessoais, seja por outros motivos.

Com a conclusão do Ensino Médio desses alunos no ano de 2020, algumas questões instigaram sobre a forma como eles avaliariam as aulas ministradas sobre Gênero/Sexualidade para os mesmos, em 2019. Nasceram daí alguns questionamentos: será que as aulas sobre Gênero e Sexualidade foram relevantes para os mesmos? Quais os posicionamentos que tinham acerca desse tema atualmente? Será que tiveram angústias e anseios que não foram verbalizadas na época e em sala de aula? Qual o posicionamento deles sobre a forma como o ambiente escolar pode contribuir sobre o trabalho com a temática de Gênero e Sexualidade?

Para se buscar compreender tais questionamentos, foi criado um questionário aberto via Google Forms e enviado para dois egressos que o docente mantinha contato, solicitando aos mesmos que enviassem para aqueles que tivessem contato.

Percurso Metodológico

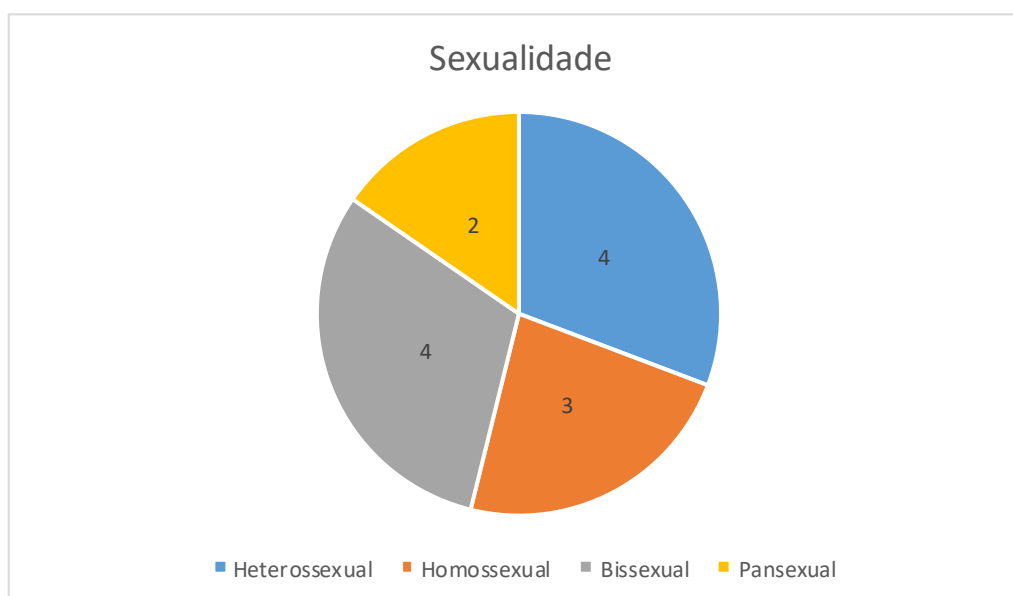
Após a explanação de como foi estruturado o conteúdo de Gênero e Sexualidade, são expostos a partir daqui os resultados desta pesquisa, ou seja, uma análise da avaliação que egressos do Ensino Médio fizeram a partir das aulas que tiveram sobre o tema Gênero e Sexualidade em 2019.

A pesquisa foi realizada virtualmente em outubro/21, respondendo ao questionário 13 participantes. Os egressos responderam a um questionário aberto com 07 perguntas feitas no Google Forms, objetivando-se entender como eles, já inseridos em outra realidade educacional (12 cursando o Ensino Superior), avaliavam sobre a experiência obtida no ano de 2019 nas aulas de Filosofia e Sociologia. Com base nos princípios da ética em pesquisa, os

nomes utilizados são fictícios, sendo definidos pelos próprios participantes, garantindo o anonimato dos mesmos.

Dos respondentes ao questionário, e em relação ao sexo de nascimento, 10 são do sexo feminino e 03 masculino. Já em relação como se definiam em relação à própria sexualidade, os participantes informaram:

Gráfico 01- Autodeclaração sobre a orientação sexual



Egressos do E.M. – Outubro/21

Através das respostas acima, percebe-se que a escola é também um lugar que há uma diversidade sexual e de gênero (não foi perguntado de forma direta, e sim como se posicionavam perante a própria sexualidade, na qual duas respondentes citaram são bissexuais e do gênero fluído). Diversidade que na maioria das vezes é ignorada ou até mesmo negada dentro do ambiente escolar, afirmando-se a heterossexualidade como única orientação sexual normal. Louro (2013a, 2013b) explicita que essa diversidade normalmente é invisibilizada dentro da escola, na qual há um reforço dos padrões heteronormativos. Fato este que também apareceu nas respostas de alguns egressos:

Já sofri muito na escola por não entender sobre minha sexualidade. Sofria preconceito simplesmente por dizer que gostava tanto de meninas quanto de meninos. Certa vez fui chamada na sala da pedagoga para conversar com uma psicóloga, pois eles achavam que minha bissexualidade significa indecisão dentro da escola. (Isa)

Medo de expor minha sexualidade, visto que na época e por a instituição ter mais pessoas dentro do padrão da sociedade, eu não conseguia me expressar corretamente e tinha muito medo do que muitos pensariam de mim e de várias perguntas e julgamentos sobre eu ser pansexual. Eu ansiava por alguém me entender e conversar comigo sobre, obtive um pequeno grupo que me entendia e me apoiava (Luísa)

No ensino médio meu maior desejo era ser uma pessoa comum, isto é, poder me relacionar com quem eu quisesse, sem que as outras pessoas tratassem de uma maneira negativa. O corpo de gestão da escola também foi um ponto negativo em relação à minha expressão e sexualidade, pois sentia uma certa superficialidade e preconceito quando se tratava de pessoas LGBTQ+. Enfim, sinto que em meu ensino médio a escola como um todo não me proporcionou um ambiente adequado para que eu encontrasse minhas formas de expressão (Bernardo).

Os relatos apontam que muitas vezes os egressos tiveram receios de demonstrarem seus desejos, pensamentos, ações, gerando o medo de exprimirem a sexualidade que não fosse a heteronormativa.

Louro (2013a) informa que

a escola torna-se, como exposto pelos participantes, um espaço em que é difícil que o aluno possa se “assumir” sexualmente, já que na mesma a heterossexualidade é a única possibilidade sexual vista como algo normal/natural, ou seja, as múltiplas formas de se configurar as sexualidades são tidas como anormais, na qual o papel da Escola, que é de gerar conhecimento, “mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância” (p. 30).

Ou seja, a escola continua reproduzindo um lugar em que a diversidade, no caso de sexual e de gênero, fique acudados em demonstrarem quem são em relação à própria sexualidade. Vale reforçar que a própria Base Nacional Comum Curricular, explicita que a educação deve ser integral, entendendo como uma “construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea” (BRASIL, 2018, p.14).

Gênero e as expectativas dos egressos em se trabalhar com a temática em sala de aula

Busca-se, nessa seção do texto, que seja recuperada a memória dos egressos, de forma a relatarem quais foram as expectativas que tiveram ao saberem que o conteúdo sobre Gênero e Sexualidade seria trabalhado em sala de aula. É relevante destacar, como já dito, que no ano de 2019 o conteúdo foi retirado do livro didático, sendo que, na época, os alunos fizeram uma

solicitação para que tivessem a oportunidade de trabalhar tal conteúdo, ou seja, a turma na época estava com altas expectativas para que a temática fosse vista no bimestre daquele ano. Fato esse que os alunos fizeram justamente por saber que o docente estaria aberto para trabalhar com eles a temática, mesmo não estando mais no material didático. Zeichner e Diniz-Pereira (2005) informam que “os professores envolvidos na pesquisa de suas próprias práticas parecem ainda adotar modelos de ensino mais centrados nos alunos e se convencem da importância de ouvir, observar e procurar entender os alunos” (p. 68).

Sobre as respostas dos egressos acerca das expectativas que tiveram em relação às aulas de Gênero e Sexualidade, apenas uma respondeu que tinha poucas expectativas, “pois esse tema nunca foi trabalhado dentro da Escola” (Cindi). Ou seja, ela não acreditava que poderia ser algo mais aprofundado, já que o ambiente escolar nunca ofereceu tal possibilidade. Outro participante, em relação ao não se trabalhar a temática em sala de aula, cita que se lembra que na época era “como uma nuvem cinza. Não sabia ou tinha ideia de como seria” (Luis), reforçando o desconhecimento do assunto, justamente por não ser trabalhado dentro da escola. E aqueles que responderam que tinham muitas expectativas, justificaram que o tema não era visto e trabalhado pelos professores em sala de aula, como explicita Ribeiro: “As melhores... No ensino fundamental não é um tema trabalhado e quando me deparei com essa discussão no EM me senti aliviada por poder entender questões antes nunca explicadas para mim”. Já MS cita que “esperava aprender sobre a diversidade de orientações sexuais, identificar se a minha era realmente aquela que eu pensava ser e aprender sobre como lidar e enfrentar as opções diferentes das minhas”.

As discussões anteriores explicitam que, mais do que uma expectativa dos participantes, há uma necessidade do conhecimento sobre temáticas relacionadas às questões de Gênero/Sexualidade e que não são nem sequer comentadas dentro do ambiente escolar. Já Bernardo informou que

Esperava mais dos outros do que de mim. Mesmo que estivesse começando à aprender tais questões, me recordo que anseava por um melhor entendimento por parte dos meus colegas, que não tinham noção nenhuma da temática e eram bem presos ao senso comum. Eram bem recorrentes piadas que depressiam gays, por exemplo, então esperava que eles entendessem um pouco mais sobre respeito à diversidade. Já em relação a mim, esperava descobrir de onde vinha esses desejos e como eu poderia me expressar em sociedade.

Bernardo demonstra que sua expectativa estava atrelada tanto à forma como os colegas iriam se posicionar, esperando que a partir das aulas pudesse haver uma mudança na postura

em relação às questões sobre Gênero/Sexualidade; bem como, de compreender melhor sua orientação sexual.

Junqueira (2009, p. 31), ao fazer referência sobre Becker, esclarece sobre o egresso acima, que

a presunção de heterossexualidade enseja o silenciamento e a invisibilidade das pessoas homossexuais e, ao mesmo tempo, dificulta enormemente a expressão e o reconhecimento das homossexualidades como maneiras legítimas de se viver e se expressar afetiva e sexualmente.

Foucault (1988), Louro(2013a), afirmam que mesmo sendo papel da escola de se trabalhar com o conhecimento para a formação do cidadão, explicitam que a mesma, em relação à sexualidade, acaba cumprindo dois papéis: 1. a de estabelecer, através de inúmeros mecanismos, a heteronormatividade e, ao mesmo tempo, 2. a função de adiar ao máximo a discussão sobre a sexualidade.

Novamente é colocado, através dos participantes desta pesquisa, a importância de que a temática seja trabalhada em sala, indo ao encontro do proposto pela BNCC de inserir e acolher as diversidades; porém a prática educacional tem demonstrado que pouco é trabalhado sobre a temática. Reforça-se que na escola em questão houve o aceite por parte da direção que seja trabalhado, já que não constava mais no livro didático.

O (des)conhecimento sobre Gênero e Sexualidade: anseios e angústias

Para discorrer sobre o (des)conhecimento sobre Gênero e Sexualidade, perguntou-se aos egressos sobre os anseios e angústias que tiveram na época que foi trabalhada a temática de Gênero e Sexualidade, algumas respostas evidenciaram, fortemente, o âmbito familiar com o lugar em que sentiam menos (ou nenhuma) possibilidade de se dialogar sobre o assunto. MS(24) informa que nasceu e cresceu “numa família evangélica, por esse motivo sempre fui muito controlada em relação à sexualidade, era um assunto pouco discutido em família [...]”. Neste sentido, Foucault (1988, p. 09-10) afirma que a

sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo.

Outro participante vai ao encontro de MS, ao citar que vem de uma família conservadora e religiosa: “minha visão sempre foi muito fechada e ignorante sobre o tema.

[...], todas as minhas angústias se passavam por repetir ideias e comportamentos na qual cresci convivendo. Tratando a questão sexual, como algo proibido e degenerado” (Luiz A).

Alguns respondentes demonstraram que tinham medo de se expor dentro do ambiente escolar e não serem aceitos, como dito por Bernardo ao expressar sobre compreender melhor como poderia se “expressar em sociedade”.

Da mesma forma, pouco se aborda na escola a situação de crianças que não se enquadram nos modelos de identidade de gênero hegemônicos, ignorando-se conflitos e sofrimentos decorrentes de preconceitos, discriminações e violências de gênero, homofóbicas ou transfóbicas. [...] Relatos de estudantes que questionam mais ostensivamente os binarismos de gênero, a partir de suas maneiras de vestir, andar, falar e gesticular – que comumente são chamados na escola de “meninas masculinizadas” ou de “meninos efeminados” – revelam que, em geral, são obrigados a abandonar os estudos devido aos preconceitos que sofrem por não seguirem os modelos de gênero esperados para seu sexo. Sabemos, portanto, que gays, lésbicas e transgêneros não apenas têm menos direitos do que os indivíduos heterossexuais, mas que também estão mais sujeitos à violência, à discriminação e ao preconceito em diversos âmbitos da vida social, tanto na vida adulta quanto na infância e na juventude (MELLO; GROSSI; UZIEL, 2009, p. 160-161).

Esse “não dito” sobre a sexualidade dentro da família, agregado ao “não se dialogar” dentro do ambiente escolar, demonstrou que há angústias e ansiedades em relação às vivências das sexualidades, sobretudo por desconhecerem sobre o assunto, justamente por não ser trabalhado.

Não é à toa que alguns pais/responsáveis utilizam, quando o assunto é trabalhar Gênero em sala de aula, o argumento que isso é função típica da família, não cabendo à Escola tal função. Porém, conforme a Constituição de 1988, em seu art. 205 explicita que esse papel, educar, “direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). E o desenvolvimento da pessoa pressupõe, também, o trabalho com questões que estão relacionadas à discussão de Gênero e Sexualidade.

Conhecer para compreender questões de Gênero e Sexualidade

Para se entender como as aulas ministradas em 2019 foram avaliadas pelos participantes, perguntou-se aos mesmos de que forma o trabalho com questões de Gênero/Sexualidade colaborou para a vivência de sua sexualidade, todos reconheceram algo

de positivo, seja em relação à compreensão da própria sexualidade, seja em relação ao entendimento sobre as múltiplas formas existentes de se vivenciá-la. Amélia informa:

Achei de extrema importância, considerando as vivências de muitos alunos que tinham inseguranças em relação ao seu gênero e sexualidade, que acabaram tendo seu primeiro contato com essa temática, o que causou uma sensação de acolhimento e segurança, tendo em vista que para muitas pessoas esse momento de afirmação e auto-aceitação pode ser muito solitário e confuso quando não se tem nenhuma informação, referência e representatividade.

Amélia demonstra em sua escrita que as aulas colaboraram de forma mais ampla, pois permitiu que muitos tivessem contato com conceitos que até então eram desconhecidos. Sua fala revela uma empatia para com aqueles que não compreendiam e que se sentiam perdidos em relação à própria sexualidade. Abaixo, Amélia além da empatia, se empodera uma vez que se organiza com grupos afins.

Me conforta saber que pessoas com que criei laços de amizade no ensino médio se libertaram de muitas amarras, medos, inseguranças em relação a seus gêneros e sexualidade, grande parte desse processo foi a partir das discussões geradas nas aulas de filosofia e sociologia, que levamos pra vários outros espaços, e a partir dessa oportunidade criamos de forma natural uma espécie de "rede de apoio", tínhamos a certeza de que não estaríamos sozinhos pois tínhamos uns aos outros.

Maria Luiza informa que

ter esse contato de forma tão profunda me mostrou que aceitar como eu era e sou, é parte de um processo. Ter a visão de que ter uma orientação ou um gênero diferente não me faz pior do que ninguém foi fundamental para que me tornasse confiante como sou hoje diante da minha sexualidade.

As aulas sobre questões de Gênero demonstraram que foram positivas, colaborando para que os egressos, na época alunos, pudessem diminuir os anseios e angústias vivenciados por eles. Por isso é importante compreender que a escola é o espaço em que se convive a diversidade em todos os aspectos e que deve estar aberta às vivências desses sujeitos para que seja significativo para os mesmos. “Mesmo com todas as dificuldades, a escola é um espaço no interior do qual e a partir do qual podem ser construídos novos padrões de aprendizado, convivência, produção e transmissão de conhecimento” (JUNQUEIRA, 2009, p.36).

Da mesma forma, Luiz A. informa que as aulas o ajudaram a romper os (pré)conceitos existentes que ele reproduzia advindos do não conhecimento sobre os temas trabalhados:

Eu pude me conhecer mais e entender várias coisas pelas quais eu não tinha coragem de perguntar para qualquer um, mas mais do que isso, as aulas me formaram como pessoa, antes eu era uma pessoa preconceituosa que falava o

que escutava dentro de casa [...] As aulas me tornaram uma pessoa melhor, com a mente mais aberta e com outra visão de mundo, acredito que sem elas, hoje em dia eu ainda seria a mesma pessoa homofóbica que era.

É interessante perceber a fala de Luiz A. justamente por se reconhecer como alguém que tinha uma postura preconceituosa em relação à diversidade sexual e de gênero. Vale citar que no término do bimestre aqui exposto (2019), o mesmo solicitou a fala perante a turma para dizer que começava a entender quando o chamavam de machista, dando um depoimento ao apresentar o trabalho final da forma que as aulas permitiram que ele fosse capaz de ver para além de sua opinião. O mesmo demonstrou isso também em sua resposta: “Nas aulas, coisas como o machismo foram muito bem trabalhadas. Logo, isso me abriu para me desconstruir um pouco. Repensar meus conceitos e a minha "masculinidade tóxica" (Luiz A).

Junqueira (2009) explicita que a escola continua sendo o espaço para que seja trabalhado o respeito à diversidade, fato esse expresso na Constituição Federal (1988) e em outros documentos que regem a Educação no Brasil. Afirma Junqueira (2009, p. 36):

a escola é um espaço no interior do qual e a partir do qual podem ser construídos novos padrões de aprendizado, convivência, produção e transmissão de conhecimento, sobretudo se forem ali subvertidos ou abalados valores, crenças, representações e práticas associados a preconceitos, discriminações e violências de ordem racista, sexista, misógina e homofóbica.

Não se pode deixar de citar aqui o movimento ocorrido para a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que na 2ª versão era explícito que

As crianças, adolescentes, jovens e adultos, sujeitos da Educação Básica, têm direito: ao respeito e ao acolhimento na sua diversidade, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, convicção religiosa ou quaisquer outras formas de discriminação, bem como terem valorizados seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual devem se comprometer (BRASIL, 2016, p. 34).

Já na versão final (3ª versão) simplesmente são suprimidos os termos gênero e orientação sexual, estabelecendo na competência 9 de forma mais geral:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 10).

Se por um lado traz a importância do respeito e valorização da diversidade de indivíduos e grupos; por outro lado, ao omitir os termos gênero e orientação, essa diversidade não é reconhecida dentro do ambiente educacional. Dessa forma não é criado, como orientação relevante para o convívio e o aprendizado dos alunos, um diálogo sobre questões acerca de Gênero/Sexualidade dentro do ambiente escolar.

Escola: espaço de diálogo com e sobre as diversidades

Como já expresso, a escola é um espaço que abarca múltiplas realidades, vivências, experiências, pensamentos relacionados a inúmeras questões, inclusive sobre a sexualidade e sua vivência. Por isso, é relevante estar atento a essa multiplicidade existente no ambiente escolar, de forma a fazer com que se torne um ambiente democrático e de respeito.

Questionados sobre como a escola pode contribuir em relação à discussão e trabalho sobre gênero no espaço escolar, todos os respondentes foram unânimes em relatar da necessidade e importância que a escola tem em trabalhar esses assuntos com todos que ali estão inseridos (alunos, docentes, gestão...). Abaixo alguns relatos que reforçam essa necessidade e importância:

Acho indispensável que os profissionais não reforcem ideias estereotipadas, preconceituosas e equivocadas sobre gênero e sexualidade. (...) Os profissionais presentes nesses espaços devem estar como referência e apoio em momentos de conflitos, como situações de preconceito, é indispensável fazer uma escuta atenta, empática das vítimas de preconceito, zelando sempre pela sua privacidade, segurança e bem-estar (Amélia).

Dando um ambiente propício aos estudantes, para que eles possam se expressar sem o risco de ser advertidos por isso. Não tratando os estudantes LGBT+ como anormais, fazendo com que eles tenham receio de se posicionar como tal (Bernardo).

Acredito que as escolas deveriam ter em seu plano de aula, aulas direcionadas a educação sexual. Além de incentivar a inclusão de alunos LGBTQI+ e fazer com que esses alunos se sintam acolhidos e respeitados. É necessária atividades que visam a prática da inclusão, do respeito e punir severamente todo em qualquer ato homofóbico. Além disso é necessário ter um profissional capacitado para conversar, ajudar e instruir alunos que estejam se descobrindo, o psicólogo seria muito importante na vida desses alunos (Luiz).

A escola, juntamente com os professores, podem promover mais debates dentro desse tema, para que os alunos reflitam sobre o que sentem diante de conflitos interpessoais, desconstruindo preconceito de gênero (Luísa).

A escola como formadora de cidadãos, juntamente com a família deve abordar e discorrer sobre esses assuntos de forma completa e esclarecedora,

isso pode mudar o futuro da vida de uma pessoa, pode transformar o conceito e o pré-conceito de alguém e conseqüentemente diminuir o número de crimes cometidos com o intuito de denegrir e diminuir a orientação sexual ou gênero de outra pessoa (MS).

Acredito que o tema deveria ser obrigatório. Com o diria Nelson Rodrigues, precisar ver "a vida como ela é", com suas diferenças, diversidades, injustiças e preconceitos, para que se possa combater e cada vez mais deixar para trás, velhas ideias (Luiz A).

A partir dos relatos acima, percebe-se que os participantes reforçam tanto a importância de se trabalhar a temática em sala de aula, quanto a necessidade de que a temática Gênero e Sexualidade seja inserida como obrigatória dentro das escolas (já que em 2019 esse conteúdo foi retirado do livro didático utilizado pela escola aqui em questão). Outro aspecto importante é que os participantes citam sobre o papel e função da escola e de sua responsabilidade em ensinar o respeito à diversidade, que está expresso em documentos institucionais nacionais, mas que continuamente são ignorados por um grupo que afirma que tal temática não deve ser vista em sala de aula.

Seffner (2009) discorre sobre inúmeras possibilidades que podem ser utilizadas dentro do ambiente escolar, dentre as quais: Que se conste nos documentos da Escola (PPP, Regimento Escolar...) sobre a diversidade sexual e de gênero, que seja um ambiente de respeito à diversidade, a busca de parcerias para se trabalhar a temática, criar grupos de discussão, oficinas extra horário a partir dos próprios alunos, bem como capacitação dos professores dentre outras possibilidades que possam ser feitas.

As aulas sobre Gênero e Sexualidade valeram a pena?

Ao decorrer do artigo, nota-se que os egressos demonstraram uma avaliação positiva acerca das aulas e de sua importância tanto em suas vidas, quanto para a realidade educacional. Fato que era dito verbalmente pelos alunos, quando trabalhado o tema em sala de aula.

Já nesse artigo, buscou-se compreender como os participantes avaliariam a aula que tiveram há dois anos (2019), já que não estão mais no Ensino Médio e a maioria já se encontra estudando em universidades. Maria informa que “se todos tivessem a oportunidade de aprender da forma que foi ensinado na minha classe, acho que haveria muito menos gente ignorante no mundo”. MS reforça tanto a importância do trabalho quanto a forma como foi ensinada: “desde quando o conheci [o professor] e vi o carinho e dedicação com o qual ele se

portava dentro da sala de aula, sempre preocupado com o aprendizado e a transmissão do conhecimento de forma inclusiva e esclarecedora”. Amélia reforça que “tudo o que foi discutido foi muito enriquecedor pra mim, foi uma das primeiras vezes que tive um contato mais próximo com alguns conceitos e me estimulou a buscar mais informações e estudos”. Ou seja, as aulas permitiram com que ela pudesse tanto entender um pouco mais sobre o assunto, como também aprofundar sobre o mesmo.

Assim sendo, o “educar na diversidade” desdobra-se segundo uma perspectiva de transformação e emancipação que deve ser, ao mesmo tempo, cultural, social, psicológica, política, individual e coletiva. Ao assim educarmos (e nos educarmos), ensejaríamos maior conscientização acerca de nossas possíveis convergências, novas possibilidades de diálogo, conhecimento e reconhecimento, bem como formas alternativas de convivência, permanentemente críticas em relação ao existente (JUNQUEIRA, 2009, p. 413).

A partir das respostas dadas pelos egressos, é possível afirmar que as aulas sobre Gênero e Sexualidade “valeram a pena”. Não se pode esquecer que, como já citado, é importante que tal conteúdo seja trabalhado em sala de aula, porém a forma como é ministrado também colabora para que os estudantes se sintam à vontade para dialogarem sobre a temática. Isso não se aplica somente à discussão de Gênero e Sexualidade, nem tampouco somente em Filosofia e Sociologia. Isso está diretamente relacionado com todos as disciplinas, conteúdos, séries... Lüdke (2001), ao citar Stenhouse, informa que “o professor deveria experimentar em cada sala de aula, tal como num laboratório, as melhores maneiras de atingir seus alunos, no processo de ensino/aprendizagem” (p.80).

Outro aspecto importante é a capacidade que temáticas desenvolvidas em sala de aula podem colaborar para pequenas mudanças estruturais e que foram citadas pelos egressos ao se depararem com um assunto que até então era desconhecido por alguns. Nesse sentido,

cada tema da sala de aula tem uma dimensão crítica. Indivíduos ou pequenos grupos de profissionais, tais como professores, podem não ser capazes de mudar estruturas sociais injustas por meio de pesquisas na sala de aula, mas esses professores podem ser bastante importantes e fazer a diferença em termos de como afetam a vida de seus estudantes (ZEICHNER; DINIZ-PEREIRA, 2005, p. 74).

Considerações Finais

As aulas desenvolvidas no ano de 2019, especificamente para o 2º ano do E.M. no 2º bimestre, sobre Gênero e Sexualidade tiveram uma avaliação positiva pelos egressos que responderam às questões propostas a eles em out/21.

As estratégias utilizadas em sala de aula mostraram-se efetivas e necessárias, uma vez que a escola não oferece espaços definidos no currículo para esse tipo de formação ou mesmo se exime desta discussão por motivos políticos e até pela precária formação dos professores.

Nos relatos, as aulas representaram uma possibilidade não só de tomarem conhecimento acerca de inúmeras questões que muitos desconheciam sobre Gênero e Sexualidade, mas também colaborou com que alguns pudessem se empoderar em relação ao tema, estruturando grupos dialogantes entre eles, de forma a garantirem entre si uma compreensão da temática para além do ambiente escolar, demonstrando também uma mudança de posturas em relação a assuntos antes desconhecidos, mas tratados preconceituosamente por alguns.

A partir dos relatos dos participantes, conclui-se que trabalhar a temática Gênero/Sexualidade dentro do ambiente escolar colabora tanto para a compreensão dos assuntos relacionados ao tema, quanto a entender sobre a própria sexualidade, sendo explicitado pelos mesmo a necessidade e relevância de tal trabalho no Ensino Médio.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2016. 2ª versão.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Versão final.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. v. 32. Coleção Educação para Todos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85-93.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013a. p. 35-82.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 15 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013b.

LÜDKE, Menga. O professor, seu saber e sua pesquisa. **Educação & Sociedade**, n. 74, p. 77-96, abr. 2001.

LÜDKE, Menga; RODRIGUES, Priscila Andrade Magalhães; PORTELLA, Vanessa Cristina Máximo. O mestrado como via de formação de professores da educação básica para a pesquisa. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 9, n. 16, p. 59-83, 2012.

MELLO, Luiz; GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula. A escola e @s filh@s de lésbicas e gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. v. 32. Coleção Educação para Todos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 159-182.

SEFFNER, Fernando. Equívocos e armadilhas na articulação entre diversidade sexual e políticas de inclusão escolar. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. v. 32. Coleção Educação para Todos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 125-140.

SOUZA, Helder Júnio de. **Diálogos sobre Diversidade Sexual em sala de aula**: decifra-me ou te devoro. In: OLVEIRA, Inês Barbosa de; PLESTCH, Marcia Denise; PEREIRA, Talita Vidal; RIBEIRO, Yrlla (Orgs.). **Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas**: tensões e perspectivas na relação entre novas epistemologias, biodiversidade, diferença, democracia e inclusão. 1. ed. v. 2. Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; Endipe. DP et Alii. E-book, 2020, p. 826-836.

THIOLLENT, Michel Jean Marie; COLETTE, Maria Madalena. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 36, n. 2, p. 207, 2014.

ZEICHNER, Kenneth M.; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social. **Cadernos de Pesquisa** [online], v. 35, n. 125, p. 63-80, 2005.

Recebido em: 18 de agosto de 2022.

Aprovado em: 21 de setembro de 2022.